

Emanoelli Soares Farias
(Organizadora)

COLETÂNEA DE CONTOS

HISTÓRIAS MONSTRUOSAS DE PACATUBA



**EDIÇÕES
INESP**

Emanoelli Soares Farias
(Organizadora)



COLETÂNEA DE CONTOS

HISTÓRIAS MONSTRUOSAS DE PACATUBA

**EDIÇÕES
INESP**

Fortaleza - Ceará
2024

Copyright by Inesp © 2024

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP

Diretor Executivo do Inesp

João Milton Cunha de Miranda

Assistente Editorial

Rachel Garcia

Valquíria Moreira

Projeto Gráfico

Valdemice Costa (Valdo)

Revisão

Sandra Mesquita

Diagramação

Letícia Albuquerque

Colaboração

Ernandes do Carmo

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

H673 Histórias monstruosas de Pacatuba [livro eletrônico]: coletânea de contos / organizadora, Emanuelli Soares. –
Fortaleza: INESP, 2024.
42 p. ; 2760 KB ; PDF

ISBN 978-65-84902-62-6

1. Contos. 2. Literatura brasileira. I. Soares, Emmanuelli. II. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado.

CDD 869.3

***** DISTRIBUIÇÃO GRATUITA *****

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ÀS EDIÇÕES INESP.

A presente obra não poderá ser comercializada e sua reprodução, total ou parcial, por quaisquer meios reprográficos ou digitais, deverá ter a autorização prévia do Inesp.

PALAVRA DO PRESIDENTE DA ALECE

A literatura liberta e transforma, sendo um aprendizado basilar para a formação de cidadãos. Ao abrir portas para a compreensão do mundo, auxilia, ainda, para que possamos alcançar uma percepção mais clara sobre nossa condição existencial.

A coletânea de contos *Histórias Assombrosas de Pacatuba* nos traz grande orgulho, pois foi idealizada por uma professora de Linguagens da EEMTI Casimiro Leite de Oliveira, durante as aulas da trilha “Ideias que se tocam”.

Nesta obra, o município aparece descrito por meio de lendas e outras histórias ficcionais assinadas por jovens moradores da cidade, iniciativa que fortalece a cultura, formando um instrumento que contribui para a autoestima e para o fortalecimento do sentimento de pertença da comunidade.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), disponibiliza esta publicação que engrandece a literatura cearense, sendo parte de uma expressão cultural que constitui um espelho dos nossos hábitos.

Deputado Evandro Leitão

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

SOBRE O INESP

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional. Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o "Edições Inesp" e o "Edições Inesp Digital", que têm como objetivos editar livros, coletâneas de legislação e periódicos especializados.

O "Edições Inesp Digital" obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O "Edições Inesp Digital" já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações alcança uma marca de 4 milhões de downloads. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O Histórias monstruosas de Pacatuba é mais uma obra do diversificado catálogo de publicações do "Edições Inesp Digital", que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	10
1 O guardião do Açude Boaçu	13
2 O Zumbi de Edson Queiroz	15
3 Buyaaçu, o Monstro do Lago Sem Fundo	16
4 Pegadas no casarão da baronesa	19
5 Dentro das águas do Piripau.....	20
6 Tentáculos no Boaçu	21
7 A múmia do casarão da baronesa	23
8 A cidade submersa.....	25
9 Januário e o Boaçu	27
10 Os segredos do casarão da baronesa.....	29
11 Um lugar sinistro chamado Boaçu	31
12 A maldição do Piripau.....	32
13 Cavernas submersas do Boaçu.....	33
14 Meia-noite no casarão da baronesa.....	35
15 As almas do avião	37
16 O pacto da Juventude	39



APRESENTAÇÃO

A presente coletânea de contos nasceu de uma frase: “Aqui não tem nada!”, referente aos atrativos da cidade de Pacatuba, localizada na zona metropolitana de Fortaleza, e dita por alguns alunos da 2ª série A, do ano de 2023, durante as aulas da trilha “Ideias que se tocam”, ministrada no primeiro semestre deste ano.

E eu, professora de Linguagens, recém-chegada à EEM-TI Casimiro Leite de Oliveira, achei estranho, pois tinha pesquisado sobre a cidade de Pacatuba antes de assumir uma carga horária da rede estadual de ensino. Em vários sites e blogs pude conferir tudo o que a natureza deu ao município, além das construções que guardam em si alguns registros históricos incríveis. Sou fascinada, por exemplo, pelo casarão onde foi assinada a abolição dos escravos na cidade, em 1883. Isso mesmo! Cinco anos antes da data nacional. E o açude Boaçu, nascente do rio Cocó, cheio de mistérios desde a origem até as suas margens? Incrível!

Mas meus alunos pareciam não conhecer seu local de origem ou ignoravam alguns fatos. E foi assim que começamos esse projeto, em busca de algo que não, necessariamente, a memória, mas também a imaginação pudesse salvar. Sendo assim, baseando-se em lendas que são passadas a cada geração ou histórias que eles criaram para esta coletânea, tentamos trazer à tona a riqueza cultural de Pacatuba.

Que tem sim! Tem muita coisa a ser vista... fora o que não se vê, mas faz os pelos arrepiarem!

Emanoelli Soares Farias

PREFÁCIO

Parece que foi ontem que Pacatuba se descobriu assombrada. Lembro-me bem, quando criança, das lendas que escutava dos meus avós. Quem mora na cidade consegue sentir o frio gélido que emana das noites chuvosas, onde, segundo os mais antigos, o Piripau começa a gemer. Se você escutar o gemido de um açude, é porque ele irá levar alguém em breve, então cuidem dos seus familiares, eles podem ser os próximos.

Morar ou visitar Pacatuba é fantástico, mas todo cuidado é sempre bem-vindo, essa cidade pacata esconde em suas vielas fantasmas e monstros, que poderíamos até falar serem apocalípticos, que podem ou não ser imaginação. A casa da baronesa do café, que fica na serra da Aratanha, guarda nela espíritos agourentos, de onde é possível escutar seus sussurros e passos; as “visagens”, como costumam falar, sempre estão dispostas a assustar os desavisados, é bom ter cuidado ao andar por lá. Na serra, você também pode achar Boaçu, quem nunca escutou falar do Boaçu? Talvez conhecido por ser próximo à tumba natural de um desastre de avião ou por ser um rio sem fundo e que abriga uma cobra gigante que, de tempos em tempos, caminha pela serra assustando moradores e, por vezes, sequestrando turistas desavisados e os leva para os fins do Boaçu. Se essa história é verdade? Não sei, mas todos devem conhecer ou escutaram falar de pessoas que sumiram nos confins de um açude sem fim, pessoas falam sobre a cobra, pode ser que as pessoas que tenham visto ou não tenham tido tempo de contar mais.

Assim que podemos ver Pacatuba por outra perspectiva, da cidade pacata a cidade assombrada. Encontrará neste livro contos assombrosos de uma cidade, que por vezes é pacata, mas que por vezes é assombrada. Viver em Pacatuba é um

prazer, falar sobre os fantasmas de um passado tão próximo nos deixa em êxtase. Bem-vindos, colegas, a um lado da cidade de Pacatuba que poucos conhecem, espero que tenham pesadelos deliciosos. Caso o medo passe, não se preocupem, Pacatuba sempre dará um jeito de te aterrorizar, nunca duvidem de Pacatuba.

Luna Martins de Castro

1 O GUARDIÃO DO AÇUDE BOAÇU

Francisca Alex Barbosa Silva

Há muitos anos, em uma pequena cidade chamada Pacatuba, existia um açude misterioso conhecido como Boaçu. Diziam que ele era assombrado por espíritos inquietos e criaturas sombrias que habitavam suas águas profundas.

Os moradores da Pacatuba evitavam o açude Boaçu a todo custo. Contos assustadores eram contados sobre pessoas que ousaram se aventurar em suas margens e nunca mais foram vistas. Os corajosos que se aproximavam do açude relatavam ouvir vozes sussurrantes e ver vultos sinistros entre as árvores próximas.

A lenda mais famosa era a do “guardião do Boaçu”, uma entidade maligna que dizimava qualquer um que se atrevesse a desafiar sua presença. Diziam que ele tinha olhos brilhantes como brasas ardentes e uma risada macabra que ecoava pela noite.

Um grupo de jovens, liderados por Lucas, não acreditava nessas histórias e decidiu investigar o mistério do açude Boaçu. Certa noite, munidos de lanternas e câmeras, eles se aventuraram em direção às margens escuras do açude.

À medida que se aproximavam a atmosfera se tornava cada vez mais pesada e opressiva. Os sons da natureza desapareceram, dando lugar a um silêncio perturbador. O grupo sabia que estava adentrando um território perigoso, mas a curiosidade falou mais alto.

Atravessando um caminho estreito, chegaram, finalmente, à beira do açude Boaçu. As águas pareciam negras e insondáveis, refletindo a escuridão da noite. O coração deles disparou quando ouviram um som estranho vindo de dentro do açude, como se algo estivesse se movendo sob a superfície.

De repente, uma figura espectral emergiu das águas, com olhos brilhantes e um sorriso sinistro. Era o temido guardião do Boaçu. O grupo entrou em pânico e começou a correr de volta para a segurança da cidade, mas o Guardião os perseguia implacavelmente.

Por sorte, conseguiram chegar à vila e se trancar em suas casas a salvo. Olhando pela janela, viram o guardião do Boaçu desaparecer nas sombras, prometendo nunca mais se aventurar perto do açude assombrado.

Desde então, a lenda do açude Boaçu se espalhou pela região, servindo como um aviso para todos aqueles que ousam desafiar os mistérios sombrios que existem além das margens tranquilas. E assim, o açude Boaçu permaneceu como um lugar temido e evitado por todos na Pacatuba.



2 O ZUMBI DE EDSON QUEIROZ

Paulo Ricardo Viana Gomes

Numa sexta-feira, eu e uns amigos nos organizamos para ir ao Boaçu e passar pelo local da queda da aeronave. Fomos sexta à noite para voltar no sábado à tarde.

Estávamos indo pelo caminho escuro no meio do mato e paramos no caminho para descansar. Quando começamos a ouvir gritos e agitação na mata. De repente, aparece o zumbi do Edson Queiroz e pega meu amigo pelo pescoço e todo mundo se desespera.

Só consegui pensar em correr.

Corri por muito tempo com ele me perseguindo e eu acabei tropeçando e caindo. Ele conseguiu me pegar, mas eu consegui bater nele. Estava quase me soltando, quando ele me jogou de uma ladeira e eu acabei desmaiando. Acordei em uma caverna sinistra. Eu consegui encontrar uma pequena bolha na caverna e consegui passar e sair da caverna.

Tomei um susto quando saí, porque vi meus amigos mortos pendurados nas árvores. Desesperei-me e corri. Encontrei uma casa com moradores perto de um lago e eles me ajudaram. Chamamos a polícia, porém nunca achamos aquele monstro.



3 BUYAAÇU, O MONSTRO DO LAGO SEM FUNDO

Matheus Paiva Mota

Na tranquila cidade de Pacatuba, aninhada nos recantos sombrios da Serra do Boaçu, um mistério profundo aguardava os moradores locais. Nas margens do misterioso lago sem fundo, quatro intrépidos amigos, Ozil, Luna, Ricardo e Sarah, decidiram explorar o desconhecido.

Um crepúsculo frio lançava sombras inquietantes sobre as águas calmas do lago, enquanto o grupo se aventurava na escuridão. Com lanternas em mãos, o reflexo trêmulo da luz dançava na superfície insondável. De repente, uma névoa densa começou a se formar, engolindo-os e obscurecendo a visão.

Enquanto seguiam adiante, sentiram uma sensação de inquietação que parecia aumentar a cada passo, como se estivessem sendo observados por olhos invisíveis. O vento uivava entre as árvores sombrias, ecoando sussurros indistintos que os faziam estremecer. O grupo tentou rir da tensão, mas suas risadas soaram fracas e trêmulas. O ambiente parecia carregado de algo mais do que apenas escuridão.

A lua emergiu das nuvens, revelando uma ilha pequena e misteriosa no meio do lago. Em seu centro, encontraram uma estrutura antiga e decadente. Ao explorar o local, se depararam com inscrições enigmáticas nas paredes, que pareciam ser um aviso sombrio de tempos passados. À medida que exami-

navam as marcas, uma sensação estranha de que não estavam sozinhos começou a se infiltrar em suas mentes.

Ozil, movido por uma curiosidade impulsiva, tocou um dos símbolos nas paredes. Imediatamente, a terra tremeu e águas revoltas começaram a engolir a ilha. Correram desesperadamente para suas canoas, mas as águas tumultuadas os separaram. Enquanto tentavam fugir, uma sombra sinuosa e escura emergiu, lentamente, das profundezas do lago.

Um monstro, como algo saído de pesadelos, deslizava para fora da água, suas escamas escuras brilhavam à luz da lua. Olhos incandescentes fixos nos intrusos. Emitiu um rugido profundo e ensurdecedor, fazendo o solo tremer. Enchendo o ar com uma sensação de pânico indescritível.

O monstro que emergiu das profundezas do lago sem fundo possuía uma forma sinuosa e alongada, lembrando uma serpente gigante que ganhava vida nas sombras. Seu corpo era maciço e musculoso, estendendo-se por vários metros de comprimento.

Seus olhos eram duas esferas incandescentes de um amarelo profundo, irradiando uma intensidade perturbadora que parecia penetrar a alma. As pupilas eram verticais, como as de um réptil, e pareciam capazes de ler os pensamentos mais profundos de quem as encarava, como se a criatura tivesse uma percepção aguçada de tudo ao seu redor.

A boca do monstro era larga e repleta de presas afiadas, algumas curvas para dentro, prontas para prender e rasgar qualquer coisa que se aproximasse demais. Sua mandíbula se abria em um ângulo amplo, como se pudesse engolir uma pessoa inteira com facilidade. Quando se abria, revelava uma escuridão sombria, quase como um abismo dentro de sua garganta. Gotas d'água escorriam das bordas de sua boca, criando um efeito sinistro.

Enquanto se movia, suas escamas produziam um susurro suave, como se a criatura estivesse imbuída de uma energia ancestral e misteriosa, que enchia o ar enquanto a criatura avançava. Suas nadadeiras, posicionadas em pontos estratégicos ao longo de seu corpo, se estendiam e contraíam com harmonia, conferindo uma agilidade surpreendente para algo de sua envergadura.

A presença do monstro deixava uma sensação de opressão no ar, como se o próprio lago tremesse em sua presença. Era uma criatura que inspirava tanto incerteza quanto medo, uma manifestação viva de um segredo que permanecia oculto nas profundezas escuras do lago, um segredo muito mais antigo do que a própria cidade que o circundava.

Luna, Ricardo e Sarah conseguiram se reunir em uma das margens do lago, mas Ozil estava desaparecido. A tempestade e os gritos de terror se misturaram enquanto eles procuravam, freneticamente, por seu amigo. Mas o lago parecia ter reclamado Ozil para sempre. O monstro observava silenciosamente da água, uma presença ameaçadora que parecia estar à espreita desde o início.



4

PEGADAS NO CASARÃO DA BARONESA

Jonathan dos Santos Rodrigues

Dizem que o casarão da baronesa é a casa mais antiga da Pacatuba. Dizem que lá, antigamente, eles usavam escravos para fazerem os trabalhos pesados, entre eles colher a plantação de café.

Ele foi construído no século XVIII, e também serviu de abrigo para exploradores de expedição científica que visitou o Ceará entre 1859 e 1861, em busca de riquezas minerais que diziam existir na região.

Dizem que debaixo do chão de madeira era uma senzala onde dormiam os escravos que trabalhavam nas terras da baronesa do café. Dizem que, quando alguém entra lá, escuta pegadas no chão de madeira.

Uma criança entrou no casarão da baronesa e viu que era uma casa simples, mas logo depois viu que ali também era um local que prendia escravos e que ele escutava pegadas, supostamente, dos escravos que ali viveram e morreram.



5

DENTRO DAS ÁGUAS DO PIRIPAU

Maria Lúcia Ribeiro da Silva

No ano de 2004, surgiu uma lenda na cidade de Pacatuba, no bairro São José, sobre um acontecimento em um açude conhecido como Piripau. O ocorrido envolvia dois moradores: pai e filho.

Durante a noite, a criança pediu permissão a seu pai para dar uma volta na rua. No caminho, passando perto do açude, o garoto pulou para ir buscar seu brinquedo que caiu dentro do açude. Em seguida, o pai desesperado foi atrás de seu filho, jogando-se no açude para tentar salvá-lo, mas quando ele menos esperava surgiu uma cobra e o puxou para dentro do açude.

O homem fez de tudo para que a cobra soltasse a criança, mas quanto mais ela se mexia mais a cobra se enrolava em seu corpo e, por mais que tivesse tentado, não conseguiu salvá-la e a cobra puxou-a para o fundo.



6 TENTÁCULOS NO BOAÇU

Anne Hillary Ferreira Lopes

O terreno, no alto da serra da Aratanha, após insondáveis invernos, inundou e formou a massa d'água, hoje, conhecida por açude Boaçu. A formação pouco convencional impressiona e também lança um alerta: ao mergulhar em suas águas geladas não é preciso se afastar muito da borda para perder o chão. O fundo nunca foi encontrado.

Era uma noite escura e tempestuosa em Pacatuba, cidade do interior do Ceará. As águas do açude Boaçu, que abastecem a cidade, estavam agitadas e pareciam querer engolir tudo à sua volta. Havia uma lenda antiga na região que contava a história de um espírito maligno que habitava as profundezas do açude. Dizia-se que, em noites como aquela, ele saía de sua morada e aterrorizava os moradores da cidade.

E foi assim que aconteceu naquela noite. Os moradores de Pacatuba foram despertados pelo som dos gritos e lamentos que pareciam vir das profundezas do açude. As águas agitadas refletiam as luzes das lanternas que tentavam iluminar a escuridão. Os mais corajosos se aventuraram até as margens do açude, onde puderam ver uma figura sombria emergindo das águas. Era o espírito maligno, que assumira a forma de um monstro com tentáculos que se estendiam por toda a superfície do açude.

Os moradores de Pacatuba ficaram apavorados e tentaram fugir, mas o monstro não deixou nenhum deles escapar. Ele se alimentou de suas almas, arrastando-os para as profun-

dezas do açude, onde nunca mais foram vistos. Desde então, a cidade de Pacatuba vive com o medo constante do espírito maligno do açude Boaçu. Alguns diziam que a única forma de aplacar a sua fúria é oferecendo-lhe sacrifícios humanos, enquanto os outros buscam exorcizar o espírito e livrar a cidade do seu terror, mas até hoje ninguém conseguiu encontrar uma solução para o problema.



7

A MÚMIA DO CASARÃO DA BARONESA

Glenda Osterno de Alencar

Havia uma casa antiga, na pequena cidade de Pacatuba, que sempre causava arrepios em quem passava por ela. Era a casa da baronesa, construída, no século XIX, por uma família rica e poderosa. Desde então, a casa passou por diversas gerações de proprietários, mas ninguém conseguia ficar por muito tempo lá.

Diziam que a casa era assombrada por espíritos malignos e que a própria baronesa ainda vagava pelos corredores em busca de vingança.

Certa noite, um grupo de amigos decidiu desafiar a lenda e entrar na casa da baronesa. Eles queriam descobrir se as histórias eram verdadeiras ou apenas fruto da imaginação das pessoas. Então, eles pularam o muro e entraram na casa.

Era uma noite escura e fria, e o vento uivava ao redor da casa.

Logo que entraram, eles sentiram um arrepio percorrer suas espinhas. A casa estava cheia de móveis antigos e poeira acumulada. Mas havia algo mais ali. Um cheiro de mofo e putrefação invadiu suas narinas, e eles tiveram que se esforçar para não vomitar.

Enquanto exploravam a casa, ouviram sons estranhos vindos do sótão. Pareciam gemidos e sussurros, mas não con-

seguiram entender o que era dito. Então, eles decidiram subir as escadas e investigar.

No sótão, encontraram um quarto esquecido, com uma cama de ferro e uma janela quebrada. Mas o que mais chamou a atenção deles foi um baú velho, que parecia estar fechado há anos.

Com a ajuda de uma chave enferrujada, eles conseguiram abrir o baú. O que encontraram dentro foi horrível. Era o cadáver mumificado da baronesa, com olhos vagando e cabelos emaranhados. Parecia que ela havia sido trancada ali e deixada para morrer.

Assustados, os amigos tentaram sair da casa o mais rápido possível. Mas, ao sair, perceberam que não estavam mais sozinhos. A baronesa estava atrás deles, com uma expressão de raiva e vingança em seu rosto.

Ela queria vingança por ter sido esquecida e abandonada dentro daquele velho sótão.

Os amigos rapidamente correram para fora da casa, mas a baronesa os perseguiu. Eles não conseguiram escapar dela e acabaram sendo mortos na entrada da casa. Desde então, a casa da baronesa permanece abandonada, mas dizem que ainda é possível ouvir os gritos de lamento e desespero dos amigos que desafiaram a lenda.



8

A CIDADE SUBMERSA¹

Maria Vitória Gomes Vieira

Era uma bela manhã em uma cidadezinha um pouco distante de Fortaleza, porém metropolitana. Uma cidade de interior, de casinhas simples, com uma igreja com uma cruz enorme em cima dela. Perto tinha um templo religioso muito grande e um sino que sempre era tocado quando o sócio do pastor chegava. Era ele que fornecia o “money” para todas as despesas, pois acreditava que naquelas terras tinha um tesouro muito antigo. Seus pais, avós e bisavós comentavam de geração em geração... e o cara do centro religioso era o que tinha mais tempo na cidade e poderia ajudá-lo a encontrar. Nem todos sabiam dessa história e o povo antigo da cidade que sabia nem acreditava mais que fosse real, pois ninguém teve coragem de ir procurar, pois as pessoas falavam que era amaldiçoado.

Esse tesouro teria vindo de outro país trazido por um grupo de jovens fugitivos, porém, ricos com esse tesouro misterioso, que, aos poucos, foram povoando a cidade e seguindo a história de que havia uma parte desse tesouro enterrado lá.

O homem que queria o tesouro não morava lá, mas sempre ia tentando fazer eventos, levando o pessoal da cidade para fora dela para conseguir cavar a terra lá.

Procurou e procurou em quase toda a cidade, porém faltava uma parte que era uma fazenda muito grande e que per-

¹ História contada baseada em fatos e lendas narradas na Pavuna/ Pacatuba. Avenida Cagece ou Estrada do Gavião. Obs.: Essa cidadezinha seria onde é o açude Gavião agora.

tencia a um mago. Sempre que o homem tentava se aproximar da casa, o mago o alertava para parar de buscar esse tesouro, pois traria consequências para ele e toda a cidade. O homem já não ligava mais, e chegou certo tempo que esse mago esteve muito doente e ele teve que viajar, então o homem se aproveitou para escavar a terra onde morava o mago... Ele estava muito perto do tesouro, só que o seu coração ambicioso não permitiu que o encontrasse. Uma barragem que tinha no sítio do mago se rompeu e levou as escavadeiras, as casas, toda a cidade como se fosse uma forte onda consumindo tudo. A cidade ficou toda debaixo d'água e virou um açude (a cidade é um cemitério de gente).

E sabe o sino? Até hoje ele toca. Pessoas que fazem acampamento dizem que à meia-noite o sino toca, pois as almas das pessoas são libertas para a superfície do açude... Falam que quando a água está baixa conseguem ver a cruz da igreja.



9

JANUÁRIO E O BOAÇU

Laiane de Lima da Costa

Certa vez, um senhor de nome Januário resolveu explorar o local onde morava na cidade de Pacatuba, região metropolitana de Fortaleza. Saiu de sua casa, disposto a conhecer as belezas da Serra da Aratanha, da qual ele não tinha muito conhecimento, e entrou mata adentro no intuito de achar algo que lhe chamasse atenção.

Após ter andado um bom pedaço pela mata, parou para descansar, bebeu toda sua água e aproveitou para comer algumas frutas que ali se encontravam. Enquanto descansava, resolveu analisar o local onde tinha parado, encontrando a turbina do avião do acidente onde morreu o empresário Edson Queiroz. Curioso, resolveu ir até o local. Chegando próximo, avistou algo branco no chão, coberto de terra, o qual era muito parecido com o fêmur de uma pessoa. No exato momento em que viu aquilo, escutou algo como se fosse um assobio, sentindo suas pernas pesarem e sua vista escurecer. O clima do ambiente mudou, os pássaros assustados começaram a emitir um som desesperado e um vento começou a soprar, balançando algumas árvores.

Ele, com medo, começou a correr pela mata. Correu até não aguentar mais, estava muito cansado, seu corpo pedia água, mas ele havia bebido toda água que levou consigo. Mesmo cansado começou a caminhar pela mata em busca de algo que matasse sua sede, foi então que uma chama de esperança

apareceu. De repente, começou a escutar barulhos de água corrente e seguiu aquele som.

Atingindo o local para o qual seguiu, viu um grande açude e resolveu ir até o local para pegar um pouco de água. Conforme foi se aproximando, notou que alguma coisa se mexia e fazia barulhos estranhos como uma espécie de mugido.

Estreitou os olhos e viu que se tratava de uma enorme serpente com a cabeça de touro, sobre a qual, até então, circulavam apenas boatos pela pequena cidade.

Januário, ao ver aquilo, achou que era fruto de sua imaginação. Movido pela sua fé, começou a pedir para que aquele ser bizarro desaparecesse de sua frente, fechou os olhos com força e contou até três.

Quando terminou a contagem, abriu os olhos e o ser havia desaparecido.



10 OS SEGREDOS DO CASARÃO DA BARONESA

Glenda Osterno de Alencar

Na misteriosa cidade de Pacatuba, envolta em névoa e silêncio, erguia-se uma pousada macabra, conhecida como a casa da baronesa. Há décadas, lendas assustadoras circulavam sobre aquele lugar sombrio, mas ninguém ousava se aproximar. Dizia-se que a baronesa de Pacatuba era uma mulher de beleza enigmática e gostos peculiares, e suas convidadas nunca mais eram vistas vivas.

A propriedade era um relicário de horrores e segredos sombrios, com seus corredores escuros e paredes manchadas de sangue. Os moradores locais afirmavam que a baronesa era uma bruxa, e que a casa era seu covil, onde ela praticava magias negras para manter sua juventude eterna.

As histórias de mortes misteriosas e desaparecimentos continuaram a assombrar a cidade. A cada lua cheia, gritos desesperados ecoavam pela mansão, acompanhados pelo uivo de lobos famintos. Ninguém ousava se aventurar perto da casa da baronesa, exceto por um grupo de jovens corajosos em busca de respostas.

Um frio vento noturno cortava a atmosfera à medida que eles se aproximavam da mansão. A porta principal rangia ao ser aberta, revelando um salão decadente e empoeirado. Ao explorar os corredores sinistros, eles encontraram retra-

tos desbotados de convidados do passado, com olhos que deixam claro seguir seus movimentos.

Ao passo em que avançavam, chegavam a uma sala trancada. Forçaram a porta e, para seu horror, encontraram um cômodo repleto de cadáveres mumificados, vestidos com trajes antigos. Cada um deles parecia ter sofrido uma morte terrível, seus rostos congelados em expressões de agonia eterna.

Aos poucos, o grupo de jovens foi sendo separado, um a um, por forças sobrenaturais. Gritos ecoavam pelos corredores, e sombras se moviam nas paredes. A atmosfera pesada de terror os envolvia, enquanto eles enfrentavam pesadelos vivos que deixavam de lado os cantos mais obscuros de suas mentes.

Enquanto a noite avançava, a casa da baronesa parecia ganhar vida própria, suas paredes suspirando com segredos sombrios. Cada membro do grupo enfrentava seus próprios demônios pessoais, solicitados a confrontar seus medos mais profundos.

No final, apenas um deles sobreviveu, enlouquecido e traumatizado pela experiência. Ele fugiu da casa amaldiçoada, jurando nunca mais voltar. A casa da baronesa de Pacatuba esconde um enigma sombrio, uma testemunha silenciosa das vidas perdidas e dos segredos macabros que se escondem atrás de suas paredes.

A cidade de Pacatuba nunca mais ousou mencionar o nome da baronesa, com medo de prender sua terrível ira.



11

UM LUGAR SINISTRO CHAMADO BOAÇU

Kaiuã Fernandes do Vale

Um pouco distante do centro de Pacatuba, em cima da serra, existe um lugar muito sinistro pelo fato de ser um açude que ninguém sabe como se formou.

As pessoas comentam que esse açude nunca foi explorado, nunca houve alguém que dissesse que já encontrou o fundo do açude. Há muitos relatos de que esse açude se formou de uma caverna e foi criando uma grande vala, e que daí para frente foi ficando cada vez mais fundo, tanto que no dia 8 de junho de 1982, caiu um grande avião dentro desse açude e as pessoas relatam que, até hoje, ainda há partes do avião dentro dele. Hoje em dia, há imagens na internet de partes do avião naquele lugar em que morreram 137 pessoas.

E por motivos de medo, têm muitas pessoas que sentem pavor desse açude e que não têm nem coragem de subir a serra para poder tomar um banho ou se divertir nele, porque eles acham que dentro desse açude podem existir coisas muito grandes e eles não confiam sequer para colocar os pés dentro do açude. Pode ter várias histórias que não são muito boas contadas sobre esse açude, mas, ao meu ver, se um dia fosse lá, seria muito legal pelo fato de ser um lugar que não foi explorado ainda.

12 A MALDIÇÃO DO PIRIPAÚ

Maylson Soares Moraes

Piripau, um açude que fica dentro de Pacatuba, no pé da serra. Ele ganha uma beleza linda, com a brisa do vento, as folhas das árvores balançando com o vento, é uma coisa linda, porém, por trás de toda essa beleza, existe um lado obscuro, um lado que poucos se atrevem a ver.

Há muito tempo, um casal foi tomar banho no local, já era meia-noite, todos já estavam dormindo. Eles estavam na beira da água, quando do nada o homem ficou de olhos brancos, sua esposa ficou com medo e tentou correr para pedir ajuda, mas ele a agarrou e a enforcou. Após tê-la matado, ele arrancou sua cabeça e toda a sua pele, deixando só o crânio da mulher. O espírito dominou o homem, não saiu mais de seu corpo. Dizem que, hoje em dia, se você passar pelo açude à meia-noite, se aparecer um crânio nas grades ao redor do açude, pode apostar que você vai ser decapitado vivo.



13

CAVERNAS SUBMERSAS DO BOAÇU

Manuel Tertuliano Ferreira de Lima

O Boaçu é conhecido desde a década de 1980, pois uma moradora vizinha, Maria, morava com seus três filhos e um neto na época em que seu marido morreu com câncer no pulmão.

Ela decidiu que queria ter algum animal de estimação para seu neto querido.

Naquela região, tinha um senhor que era amigo da Maria. Esse senhor, conhecido como Mauro, ofereceu um casal de cobras sucuris verdes, cobrando apenas metade do preço por elas. Lembrando-se do neto, ela topou na hora, pagou por elas e levou até a sua residência.

Quando ela chegou a casa chamou seu neto:

– João, vem aqui. Olha o que eu comprei pra você.

Quando o neto chegou perto da sua avó, deparou-se com as duas cobras. Ele gostou muito, passava horas e horas brincando e alimentando-as, mas, com o passar do tempo, elas foram crescendo e ficando maiores, então o filho mais velho da Maria teve a ideia de soltar as duas no açude ao lado de sua casa. A maioria concordou com ele, mas o neto não gostou nada disso.

Passou um mês, dois meses... quando tudo começou a dar errado. A cobra macho estava atacando os gatinhos e ca-

chorros quando o filho mais novo chegou no quintal e pegou no flagra. De repente, correu até a sala para avisar sua mãe, mas era tarde demais, a cobra fêmea estava bem ao seu lado e atacou a sua perna sem chance para ele correr, enquanto o levava arrastando, já sem vida.

O neto gritou para sua avó e ela chegou acompanhada dos seus outros dois filhos. Ela desmaiou ao ver seu filho mais novo morto na beira do rio. A cobra macho, que tinha se escondido, deu um bote de dentro da água para fora e arrastou o filho do meio. Os demais, que ficaram fora do rio, correram em busca de tentar ajudar o irmão, pegando machado e foice para matar as duas cobras. Enquanto os dois choravam na beira do açude, a sua mãe querida já estava morta enrolada com uma das cobras. Eles choravam de raiva por ter perdido três pessoas da família, mas eles partiram pra cima das duas cobras pra viver ou morrer. Os dois não tinham nenhuma vantagem contra elas duas e morreram lutando pela vida de sua mãe, de seu sobrinho e outro irmão.

Depois daquele acontecimento trágico, os vizinhos curiosos com o desaparecimento da família, chamaram a polícia e o corpo de bombeiros com mergulhadores. Deram uma boa vasculhada no açude para ver se encontravam algum tipo de vestígio, mas só encontraram as roupas das vítimas. Tentaram de todas as formas encontrar outras coisas, mas as profundezas e a escuridão não permitiam ver nada. Trouxeram equipamento para ajudar nas buscas, mas sem sucesso.

Houve algo que deixou os policiais intrigados: antes do último aparelho usado na busca ser desligado, a câmera flagrou várias entradas submersas.

Então eles deixaram as buscas de lado e anunciaram no jornal para que nada nem ninguém entrasse naquele açude, pois a descoberta é que, se alguma coisa atacou a família, está lá embaixo viva até hoje.

14 MEIA-NOITE NO CASARÃO DA BARONESA

Glenda Osterno de Alencar

A casa da baronesa de Pacatuba sempre foi envolta em mistério e sombras, erguendo-se sinistra no topo de uma colina coberta de névoa. Os moradores da pequena cidade abaixo cochichavam sobre ela em sussurros temerosos, evitando até o mesmo olhar na direção da mansão decrepita. Diziam que a baronesa, uma figura enigmática e reclusa, vivia há séculos, imortalizada pela magia negra que ela própria havia dominado.

Ninguém se atrevia a se aproximar da propriedade amaldiçoada depois do anoitecer, quando a lua pairava sobre o horizonte como um olho maligno. Dizia-se que ruídos estranhos ecoavam dos corredores escuros e que sombras sinistras dançavam nas janelas trancadas. Os bravos que investigaram a casa desapareceram sem deixar vestígios, seus gritos ecoando pelo vale durante as noites mais assombradas.

A cada década, quando o sino da igreja local ecoava a meia-noite, a casa da baronesa parecia ganhar vida. Luzes fantasmagóricas brilhavam nas janelas, e murmúrios arrepiantes emergiam de suas paredes desgastadas. Os moradores da cidade trancavam suas portas e janelas, rezando para que a noite passasse sem incidentes.

Os corajosos que se aventuravam a explorar o interior da mansão relatavam corredores intermináveis que se estendiam até o infinito, quartos sombrios onde retratos retorcidos

de antigos ocupantes observavam com olhos sem vida e um porão oculto onde a baronesa praticava suas artes sombrias.

A lenda contava que a baronesa havia vendido sua alma ao demônio em busca de poder e imortalidade. Em troca, ela estava obrigada a continuar vagando pelos corredores da casa, presa em uma existência eterna de solidão e escuridão. Diziam que ela, ainda, ansiava por almas humanas para libertá-la de sua maldição.

Ninguém pôde provar a veracidade dessas histórias, mas a casa da baronesa de Pacatuba permanece como um símbolo de terror naquela cidade, onde a escuridão espreitava em todos os cantos e onde a curiosidade poderia levar à perdição. Mesmo nos dias mais claros, uma aura de medo pairava sobre a colina, lembrando a todos que, naquela casa sinistra, o suspense e o terror nunca descansavam.



15

AS ALMAS DO AVIÃO

Luiz Fernando Xavier da Silva

A queda do avião foi um grande acidente em Pacatuba (CE).

Morreram muitas pessoas e uma dessas pessoas era Edson Queiroz, que era um empresário cearense e tinha uma empresa de água mineral.

Quando a tragédia aconteceu, muitos moradores foram ver, porque moravam perto do local do acidente, e muitas dessas pessoas se aproveitaram da situação, começaram a pegar dinheiro, joias e outros objetos de valor.

Teve um boato de que um homem foi preso por carregar uma mão que estava com um anel que valia muita grana e também tinha gente pegando dinheiro e trocando no banco.

Minha tia disse que tinham muitos restos mortais pendurados nas árvores, tudo espalhado, muitos corpos. A pior coisa que ela já viu: mão para cá, perna para lá. Foi muito feio esse acidente em cima da serra e ainda tem pedaço do avião: tem duas turbinas, uma pequena e uma grande.

Passaram-se muitos anos desde a queda, a alma desse povo que morreu deve estar por lá assombrando. Ouvi muitos boatos que tem assombração pela subida da serra. Minha tia disse que, quando o avião caiu lá onde morava, deu para sentir um tremor, as coisas começaram a cair. Ela também disse que viu o Edson Queiroz morto e que a alma dele estava olhando para ela.

Um dia desses, subi a serra à noite, vi vários vultos, muitas pisadas, porque eu estava onde aconteceu a queda do avião. Voltei pra trás na mesma hora, assustado, para mim tinha alguém me seguindo. Comecei a andar mais ligeiro, com medo. Outro dia, de manhã cedo, subi de novo, fui ao local da queda. Cheguei lá tinha várias coisas de “macumba”. Uns disseram que foram familiares das pessoas que morreram na queda do avião, que essas “macumbas” eram para chamar a alma dos mortos de quem morreu no local.

Fiquei assustado e nunca mais subi lá.



16

O PACTO DA JUVENTUDE

Anne Hillary Ferreira Lopes

No coração da pacata cidade de Pacatuba, erguia-se um imponente casarão, outrora lar da misteriosa baronesa. Durante décadas, boatos sombrios permearam as paredes desgastadas da mansão. Dizia-se que estranhos lamentos noturnos ecoavam pelos corredores vazios, e sombras dançavam nas janelas escuras mesmo quando a lua não estava no céu.

Os moradores evitavam passar perto do casarão após o anoitecer, temendo encontrar o olhar vazio da baronesa, cujo retrato permanecia pendurado na parede da sala principal. Dizia-se que ela havia feito um pacto sombrio para manter sua juventude, mas a um custo terrível.

Um grupo de jovens ousados decidiu investigar o mistério por trás do casarão. Armados com lanternas adentraram os corredores empoeirados e foram envoltos por um silêncio opressivo. À medida que exploravam os aposentos decadentes, ouviram um sussurro fantasmagórico que os fez estremecer.

Os corajosos exploradores alcançaram o quarto da baronesa, onde encontraram um diário empoeirado. À medida que liam suas páginas desgastadas, descobriram a verdade assustadora: a baronesa realmente havia feito um pacto para preservar sua beleza, mas o preço era a vida dos jovens da cidade, que desapareciam sem deixar rastros.

Enquanto estavam imersos na leitura, o vento gélido soprou pelas janelas abertas, e as velas se apagaram repenti-

namente. Uma presença sinistra encheu o quarto, e sombras se materializaram diante deles. A figura pálida da baronesa emergiu, seus olhos vazios fixados nos intrusos.

Um por um, os jovens foram dominados por uma sensação paralisante, incapazes de se mover. A baronesa se aproximou, lentamente, com um sorriso nefasto nos lábios. Sussurrou palavras ininteligíveis, e os intrusos sentiram suas energias sendo drenadas. Seus gritos ecoaram pelas paredes, misturando-se aos lamentos que assombravam a mansão.

Nunca mais se ouviu falar dos jovens exploradores. O casarão da baronesa permaneceu como um monumento sombrio à sua sede de juventude eterna, um lembrete macabro de que certos segredos devem permanecer ocultos. E até hoje, os moradores de Pacatuba passam longe do casarão depois do anoitecer, aterrorizados pelos rumores que continuam a ecoar pelas ruas desertas.





ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora

2023-2024

Deputado Evandro Leitão

Presidente

Deputado Fernando Santana

1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit

2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira

1º Secretário

Deputada Juliana Lucena

2ª Secretária

Deputado João Jaime

3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues

4º Secretário

